

## IGUALZINHA A VOCE

CAROL PRICE

Quando eu estava no segundo grau, duas coisas muito importantes aconteceram na minha vida. A primeira foi que me apaixonei por um rapaz de nome Charlie. Ele era do último ano, jogava futebol no time da escola e eu o achava o máximo!

Eu sabia que era com ele que eu queria me casar e ter filhos. Mas havia um problema muito sério: ele sequer sabia da minha existência. Nem que eu tinha planos para nós dois...

A segunda coisa importante foi que eu decidi não me submeter mais a qualquer cirurgia nas mãos. Eu nasci com seis dedos em cada mão e sem nenhuma articulação. A primeira cirurgia foi feita quando eu tinha seis meses de idade e, aos dezesseis anos, somavam-se vinte e sete operações. Os dedos extras foram removidos, alguns foram encurtados e se criaram articulações. Eu fora uma espécie de exemplar raro, exibido, às vezes, ante mais de quinhentos cirurgiões de mão.

Minhas mãos ainda não eram "normais", mas eu chegara ao meu limite. Aos dezesseis anos senti-me no direito de dizer: "Me deixem em paz!" Minha família apoiou minha decisão, dizendo-me que, se eu quisesse, poderia fazer outras operações mais tarde. Mas eu pensei: "Chega, não preciso de mais sofrimento. Minhas mãos vão ficar do jeito que estão." E assim foi.

Eu tinha um amigo de infância chamado Don. Tínhamos estudado junto desde o primeiro ano e éramos bem próximos.

Uma tarde, estávamos em minha casa conversando sobre o baile da escola, que se aproximava. Tínhamos planejado passar a noite toda fora, embora sem saber bem o que íamos fazer todo esse tempo na rua. Mas a idéia parecia ótima.

Inesperadamente, Don me olhou e disse: "Você gosta mesmo um bocado do Charlie, não gosta?" "Gosto. Muito", eu respondi. "Olhe, Carol, tenho que lhe dizer uma coisa.

Charlie nunca vai ficar com você", Don continuou. "Por que não?", perguntei, ao mesmo tempo que pensava: Já sei, vou pintar o cabelo de louro, eu sei que isso vai funcionar. Não, não, já sei, vou me tornar líder de torcida. Todo o mundo adora líderes de torcida.

Mas Don me disse: "Carol, você não está entendendo.

Charlie nunca vai querer você porque você é deformada." Eu ouvi mesmo isso. Acreditei nisso. Vivi essa situação. Suas palavras foram um rude golpe.

Eu me tornei professora primária porque pensei que pudesse ser uma boa profissão para quem tem uma deformidade.

No meu primeiro ano como professora, eu tinha como aluna uma menininha chamada Felícia. Era a criança mais deslumbrante que eu jamais conhecera. Uma tarde, estávamos todos treinando a letra A. Para um aluno do primeiro ano, isso significa um lápis grosso e vermelho, papel pautado verde e

um esforço concentrado para "fazer uma bolinha e depois puxar uma perninha".

Todos estavam quietinhos e trabalhando. Prestei atenção em Felícia, como sempre fazia, e vi que ela estava escrevendo com os dedos cruzados uns sobre os outros. Na ponta dos pés, me aproximei, me inclinei e falei baixinho: "Felícia, por que você está escrevendo com os dedos cruzados?" A menininha olhou para mim com seus olhos grandes e bonitos e disse: "Porque quero ser igualzinha a você, senhorita Price."

Felícia nunca viu uma deformidade em mim, apenas uma característica especial que queria ter também. Todos nós vemos alguma coisa que não seja muito boa em nós como uma deformidade. Podemos nos considerar deformados ou portadores de uma característica especial. E essa escolha vai determinar como será a nossa vida.